

# Significados de corpo e saúde para adultos praticantes de dança<sup>1</sup>

## Meanings of body and health for adults practitioners of dance

## Los significados de cuerpo y salud para adultos practicantes de danza



**Marilia Merle Tirintan**

Universidade Federal de São Paulo, Santos, São Paulo, Brasil  
ailiram.mt@gmail.com



**Rogério Cruz de Oliveira**

Universidade Federal de São Paulo, Santos, São Paulo, Brasil  
rogerio.cruz@unifesp.br

**Resumo:** O objetivo do estudo foi compreender os significados de corpo e saúde para adultos praticantes de dança. Foi realizada uma etnografia numa escola de dança na cidade de São Paulo, na qual participaram 14 voluntários adultos praticantes de dança. Os instrumentos de coleta de dados consistiram em entrevistas semiestruturadas e observação participante. A análise dos dados foi feita por categorias não apriorísticas. Como resultado, os significados de corpo se deram a partir de duas perspectivas: fragmentada e holística. Já os significados de saúde gravitaram em três categorias: cuidado, atitude e capacidade para agir. Concluimos que os adultos praticantes de dança estiveram abertos e experimentam maneiras de viver bem, de se conhecer, para então serem felizes, satisfeitos e terem uma vida boa.

**Palavras-chave:** Corpo. Cultura. Saúde. Dança.

<sup>1</sup> Apoio financeiro: Capes.

**Abstract:** The purpose of the study was to understand the meanings of body and health for adults practitioners of dance. For that, an ethnographic study was carried out, which was developed with 14 adults students of a dance school in the city of São Paulo. Data collection consisted of semi-structured interviews and participant observation. Data analysis was performed by non-a priori categories. We found body meanings from integrated and fragmented perspectives and health meanings in a broad and restricted sense. We concluded that adults practitioners of dance are open and experiencing ways of living well, knowing themselves and learning for being happy, satisfied and having a good life.

**Keywords:** Body. Culture. Health. Dance.

**Resumen:** El objetivo fue comprender los significados de cuerpo y salud para adultos practicantes de danza. Para ello, se realizó una etnografía en una escuela de danza en São Paulo-SP, en la que participaron 14 voluntarios adultos practicantes de danza. Los instrumentos de recolección de datos consistieron en entrevistas semiestructuradas y observación participante. El análisis de los datos se hizo por categorías no apriorísticas. Los significados de cuerpo se interpretaron en dos perspectivas: fragmentada y holística. Los significados de salud, éstos fueron interpretados en tres categorías: cuidado, actitud y capacidad para actuar. Concluimos que los adultos practicantes de danza involucradas con la danza están abiertas y experimentan maneras de vivir bien, de conocerse, para entonces ser felices, satisfechas y tener una vida buena.

**Palabras clave:** Cuerpo. Cultura. Salud. Danza.

Submetido em: 27-11-2019

Aceito em: 23-06-2020

## Introdução

Em concordância com Mauss (2003), o corpo é o primeiro e mais natural instrumento dos seres humanos, não em perspectiva unicamente biológica, mas também de construção cultural. Nesse sentido, tornar-se humano é tornar-se individual no e por meio do corpo (DAOLIO, 2004, p. 36). Assim, para qualquer atitude, movimento, ação ou comportamento humano, o entendimento em referenciais culturais dá o sentido e significado dessas atitudes dentro de cada contexto específico (DAOLIO, 1995).

Para Sant'anna (2007), vivemos em uma cultura imersa na tecnociência e nos meios de comunicações de massa, pela qual somos diariamente instigados a ver silhuetas corporais ostentosa-mente bem cuidadas, variedades de receitas milagrosas, milhares de cirurgias plásticas destinadas a tratar e modificar o corpo físico das pessoas, produtos para rejuvenescimento, dentre outros incessantemente difundidos em massa. Para a autora, tal fato nos permite entender uma posição ou visão de corpo humano na contemporaneidade.

Alguns discursos defensores dos direitos do corpo compartilham da atual banalização das emoções ligadas a prazeres extremados e a busca por sensações vertiginosas (SANT'ANNA, 2007). Nessa situação, emerge o risco da perda de uma parte da capacidade humana de sentir a espessura e as singularidades de cada experiência vivida, bem como o risco de mergulhar a existência numa absoluta miséria simbólica ou numa mobilidade doentia, empobrecendo radicalmente a historicidade das representações corporais (SANT'ANNA, 2007).

Tais fatos acabam por gerar, também, reflexões sobre a saúde. Concordando com Palma, Estevão e Bagrichevsky (2003), saúde pode ser compreendida como uma experimentação do indivíduo em sua relação com a sociedade. Ou seja, distanciados de uma perspectiva restrita de ausência de doenças, aproximamos do conceito de saúde ampliada que, segundo Minayo (2012), só

pode ser compreendida dentro de uma perspectiva contextualizada e histórica, o que implica na maneira específica de como cada sociedade, grupo ou indivíduo tem saúde e produz interação entre aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais.

Nesse sentido, faz-se necessário conhecer e investigar as diversas significações humanas relacionadas ao corpo e à saúde, haja vista o apelo midiático ao qual somos expostos diariamente. O aprofundamento dessas questões possibilita acesso às diversas leituras das práticas corporais,<sup>2</sup> o que, para além de urgente, torna-se necessário, principalmente na direção de superação do discurso hegemônico “Faça atividade física e seja saudável”. Assim, questionamos: Basta se movimentar? Queimar calorias e reduzir medidas é o suficiente? Alcançar metas estéticas é o desejável?

Dentre as diversas práticas corporais existentes, o campo de pesquisa deste estudo foi a dança. Para Garaudy (1980), a dança é um modo de viver e existir. Para Marques *et al.* (2013), ela é uma unidade expressiva, opondo-se assim à perspectiva midiática.

Frente ao exposto, o objetivo do estudo consistiu em compreender os significados de corpo e saúde para adultos praticantes de dança.<sup>3</sup>

## Método

O método adotado trata-se de uma etnografia que, segundo Fonseca (1999), é fruto do esforço intelectual de cruzar os dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade e, a partir de então, construir a textura da vida social.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo - CAAE nº 51896415.8.0000.5505. Todos

<sup>2</sup> De acordo com Lazzarotti Filho et al. (2010, p. 25), as práticas corporais são “[...] manifestações culturais que se explicitam principalmente na dimensão corporal”.

<sup>3</sup> Trata-se de uma parte dos principais resultados de Dissertação de Mestrado defendida em 2017, a qual objetivou ainda analisar os possíveis impactos da experiência da dança para essas pessoas em sua relação com a saúde. Entretanto, pelos limites impostos a um texto como este, o adequamos a uma menor abrangência.

os voluntários assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram recrutados 18 adultos de ambos os sexos obedecendo ao critério de não serem profissionais de dança, ou seja, que a prática em dança não tivesse fins lucrativos e/ou de renda. Os critérios de não inclusão foram:

- Afastamento do voluntário por mais de um mês das aulas de dança, e;
- Não participação nas entrevistas.

Nesse processo, três alunos se afastaram por mais de um mês das atividades e um interrompeu a prática durante a coleta de dados, restando assim 14 voluntários que participaram do estudo.

Os voluntários foram recrutados pessoalmente em um espaço privado de práticas corporais em São Paulo-SP, após autorização da proprietária. Especificamente, os voluntários eram alunos das aulas de dança intitulada “Arte do Movimento”, as quais ocorriam duas vezes por semana com duração de 1 hora e 30 minutos. O espaço foi escolhido a partir de um rol de sete instituições previamente contatadas, que: estavam abertas inicialmente à realização de pesquisa e possuíam turmas de dança com características mais abertas e livres, sem estilo específico. Com o desenrolar dos contatos entre pesquisadores e escolas, surgiram barreiras (questões burocráticas, cronograma de aulas incoerentes com a proposta de campo do estudo e não continuidade do diálogo por parte da escola) que permitiram a realização do estudo apenas nesse espaço.

Em termos de produção de dados, os instrumentos utilizados foram a observação participante e a entrevista semiestruturada. Para Magnani (2009), a observação participante é o contato do pesquisador com o pesquisado numa perspectiva de compartilhar horizontes e trocas até onde seja possível. No caso deste estudo,

buscou-se captar as particularidades do contexto de pesquisa, as relações entre os voluntários durante as aulas, o que diziam, como se relacionavam e como eram as aulas. Nesse processo, utilizamos o diário de campo, que, para Magnani (1997), nos fornece o contexto de lá (campo de pesquisa) quando estamos aqui (universidade). Ao todo foram observadas 27 aulas entre março e maio de 2016.

As entrevistas semiestruturadas, que na ótica de Minayo (2014) tratam-se de uma conversa com finalidade, se desenvolveram a partir de duas questões: 1 - Qual significado de corpo para você? 2 - Qual significado de saúde para você?. Todas as entrevistas foram realizadas antes ou após as aulas na própria escola e em local reservado. Com o consentimento dos voluntários, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para um arquivo eletrônico. Ao todo foram realizadas 14 entrevistas - em única oportunidade com cada voluntário.

A análise de dados se deu por categorias não apriorísticas, emergindo do contexto de respostas dos voluntários (CAMPOS, 2004). Para Geertz (1989), em etnografia, a análise se dá *a posteriori*. Além disso, foi feita leitura exaustiva do diário de campo no intuito de extrair trechos relevantes ao objetivo do estudo que pudessem contribuir na elaboração das categorias.

## Resultados e discussão

O Quadro 1 nos revela que o grupo de voluntários era composto por 10 mulheres (71,43%) e 4 homens (28,57%) com 47,14 anos de média de idade, e heterogêneo em termos de tempo de prática nas aulas de dança, com 18,71 meses de média. Outro dado que chama a atenção é a diversidade da atuação profissional, marcada pelas ocupações no campo da educação, justiça, artes, tecnologias, saúde e profissionais liberais.

Quadro 1 - Perfil dos voluntários

PSEUDÔNIMO	IDADE (anos)	SEXO	TEMPO DE PRÁTICA NA "ARTE DO MOVIMENTO" (meses)	PROFISSÃO
EDNA	34	Feminino	32	Performer, Atriz, Pesquisadora e Professora
RODOLFO	36	Masculino	4	Treinamento de empresas
ANTÔNIO	38	Masculino	4	Técnico de informática
MELISSA	38	Feminino	3	Pedagoga e Professora de inglês
MARCIA	41	Feminino	3	Agência de eventos
RODRIGO	43	Masculino	3	Músico
ROBERTA	43	Feminino	30	Produtora de cinema e TV, Atriz, Advogada
MARIANA	50	Feminino	36	Produtora de cinema, TV e documentário
ALBERTO	51	Masculino	3	Editor e Revisor
LAIS	52	Feminino	24	Médica, Professora e Pesquisadora
BRENDA	53	Feminino	12	Historiadora
GLÓRIA	54	Feminino	12	Psicóloga
MARGARIDA	57	Feminino	27	Artista têxtil
ELZA	70	Feminino	36	Consultora de empresas

Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

O número inexpressivo de homens pode revelar preconceito de gênero ligado ao estereótipo feminino presente na dança (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013), mas também pode ser compreendida, em se tratando de cuidado de si, como uma característica peculiar dos homens em não se envolver com a atividade física ou preferir outras modalidades (MEDEIROS *et al.*, 2014).

Em relação aos significados de corpo, foi possível notar duas grandes categorias de respostas, a saber:

1. Visão fragmentada;
2. Visão holística.

Na "Visão fragmentada", o corpo foi significado como uma ferramenta ou instrumento da existência, o lugar que se habita, o

veículo da vida e o próprio organismo (átomos, células, vísceras, músculos, ossos, etc.). Tais significações se alinham à concepção estratigráfica de ser humano proposta por Geertz (1989). Para o autor, a concepção estratigráfica é aquela que compreende as dimensões biológica, psicológica e social dispostas em camadas e que manteriam entre si uma relação de superposição no comportamento humano. Dessa forma, o corpo pode ser isolado e fragmentado em partes autônomas (DAOLIO, 1995), o que pode ser encontrado no discurso das voluntárias Laís e Elza, as quais afirmam, respectivamente: o corpo é a “[...] *minha matéria no mundo*” (Laís, entrevista, 18 abr. 2016) ou a “[...] *coisa que faz parte maior de todo um ser [...] veio emprestado para mim para viver essa experiência dessa minha vida [...]*” (Laís, entrevista, 18 abr. 2016). Na mesma esteira, o voluntário Rodrigo afirma que corpo “[...] *é esse ser que a gente habita*” (Rodrigo, entrevista, 2 maio 2016), ou seja, uma materialidade passageira que existe para nos permitir experimentar a vida.

Tal perspectiva dialoga com uma crítica feita por Le Breton (2013), o qual afirma que o corpo passou a se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente descartáveis, à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal. Tal fato se consolida no pensamento da dualidade humana (corpo x mente), como podemos notar no discurso de Brenda, “[...] *corpo é a nossa materialidade. Acho que a gente é um ser composto de algo palpável, feito de células, átomos [...]*” (Brenda, entrevista, 16 maio 2016), o que coaduna com Mariana, Edna e Melissa, para as quais, respectivamente, o corpo é: “[...] *nosso instrumento real de vida*” (Mariana, entrevista, 23 maio 2016), “[...] *uma ferramenta [...]*” (Edna, entrevista, 24 abr. 2016) e “[...] *Um conjunto de todos os órgãos do organismo [...]*” (Melissa, entrevista, 6 abr. 2016).

Nessa ótica, alguns discursos chegaram à beleza e à estética, para os quais nos remetemos a Roble e Daolio (2006), que identificaram no excesso uma marca da sociedade atual, produzindo concepções de corpo ligadas mais ao “ter” do que ao “ser” ou o

“ter” definindo o “ser”. Para os autores, ter uma esteira ergométrica, ter roupas de ginástica, ter posse de *kits* de emagrecimento, dentre outros, já garantem o universo dos cuidados do corpo e “[...] experienciar esse universo é, por assim dizer, uma realidade ‘não-corpórea’ do próprio corpo [...]” (ROBLE; DAOLIO, 2006, p. 222-223, grifo dos autores).

Nesse sentido, o corpo se entrelaça aos padrões de peso, alimentação e perfil de atividade física impostos pela sociedade. Para a voluntária Glória, falar sobre o corpo é narrar episódios nos quais foi discriminada pelo seu peso, em suas próprias palavras: “[...] *sempre fui mais cheinha*” (Glória, entrevista, 4 abr. 2016). Nesse sentido, Le Breton (2013) afirma que o ser humano contemporâneo está sob os discursos do corpo que privilegiam, de certa maneira, a conservar uma forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial” fazendo com que o corpo hoje seja um motivo de apresentação de si.

Para Castilho (2014), a beleza é um valor generalizado e um culto para muitos, então ter um físico agradável tornou-se uma obrigação, pois isso implica prestígio, segurança e superioridade, embora, às vezes, seja alcançado à custa do sacrifício de valores mais humanizadores. E hoje não se fala de um corpo como um todo, mas de uma visão de corpo sob perspectiva da sua aparência física, silhueta, tamanho, cor, etc. Nesse sentido, a entrevistada Brenda compreende que “[...] *se você cuida, nutre bem, dança, faz um esporte, a possibilidade de você envelhecer com saúde é bem maior [...] a nossa sociedade culturalmente coloca um peso no corpo muito grande, principalmente para mulher, desde padrões de beleza, de magreza [...]*” (Brenda, entrevista, 16 maio 2016).

Por outro lado, coexistiu no grupo um significado de corpo holístico, ligado à forma de viver e estar no mundo, potência de vida, forma de expressão perante o universo e plenitude. Nessa categoria, os voluntários demonstraram uma visão de corpo de maneira que as dimensões social, cultural, psicológica, biológica e afetiva se integram e estão conectadas, convergindo com o discurso de Alberto, para quem “[...] *o corpo é muito mais do que carne e osso [...]*

*corpo é quase tudo, tudo que a gente é [...] eu acho que é uma coisa só [...]*" (Alberto, entrevista, 27 abr. 2016). Mariana, embora tenha afirmado que o corpo é um instrumento, afirma também que *"[...] não é só matéria. É algo além, no sentido de estar na vida e se expandir na vida. O corpo te possibilita isso: a sua postura de estar plena"*. Antônio corrobora essa perspectiva afirmando que o corpo *"[...] não é só carne"* (Mariana, entrevista, 23 maio 2016).

Essa ótica vai ao encontro de Comparim e Schneider (2004), que afirmam a superação do dualismo psico/físico, bem como de Daolio (1995), para quem o corpo não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades, o corpo é fruto da interação natureza/cultura. Dessa maneira, o corpo é visto como a própria existência, em uma totalidade, a partir das significações construídas na dinâmica cultural, nos levando a compreendê-lo através da concepção "sintética" de ser humano defendida por Geertz (1989), sendo que todas as dimensões interagem como variáveis no comportamento humano. Por isso é que, para Edna, o corpo é *"[...] uma potência de vida"* (Edna, entrevista, 25 abr. 2016), mesmo tendo afirmado também que o corpo pode ser a ferramenta da existência.

Tal pressuposto nos permite compreender Mauss (2003) quando afirma que o corpo tanto é a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo como também é a substância original a partir da qual é moldada pelo mundo. Ou seja, o corpo é nossa expressão no mundo, capaz de modificá-lo, mas é também passível de modificações, como entende Kofes (1985). Tal percepção encontra eco nos discursos de Antônio, Roberta, Márcia e Rodolfo, os quais afirmaram, respectivamente: *"[...] é a forma de se relacionar com o mundo"* (Antônio, entrevista, 13 abr. 2016); *"[...] é tudo. É a maneira que você se apresenta [para o mundo]"* (Roberta, entrevista, 11 maio 2016); *"[...] é a forma como eu me demonstro para o mundo"* (Márcia, entrevista, 18 maio 2016); *"[...] é um canal de expressão [com o mundo]"* (Rodolfo, entrevista, 30 maio 2016). Logo, não temos um corpo, nos expressamos nele.

No início do estudo, acreditávamos que essa perspectiva (holística) se daria no horizonte dos mais experientes do grupo, pois nas aulas de dança os alunos experimentaram sensações que são estreitamente interligadas em relações dinâmicas. Aliado a isso, tínhamos o fato que as aulas eram baseadas nos princípios do sistema Laban/Bartenieff, que, segundo Fernandes (2010), trabalha em um contexto de integração, dedicando períodos de tempo ao estabelecimento e fortalecimento de conexões no próprio corpo, bem como na reformulação conceitual do ser humano como um corpo relacional e integrado. Entretanto, nossa análise mostrou o contrário. Os mais experientes do grupo expressaram visões fragmentadas de corpo, com exceção de Roberta (32 meses de prática), que ficou no plano do corpo na perspectiva holística, e Melissa (3 meses de prática), que significou o corpo numa visão fragmentada. Isso pode ser explicado pelo envolvimento de todos os voluntários com outras práticas corporais paralelamente à sua participação nas aulas de “Arte do Movimento”, com exceção de Melissa e Márcia (que só fazem essa prática) e Alberto (prática violão).

Outro dado que chama a atenção é o fato de Mariana e Edna se afirmarem nas duas perspectivas (fragmentada e holística). Nesse caso, é notório ressaltar que as duas são atrizes e, como tais, a discussão sobre o corpo é cara. Logo, talvez não seja uma tarefa fácil para ambas recorrerem a apenas uma dimensão do discurso. Nesse sentido, aquilo que poderia flertar com o contraditório pode ser lido como acúmulo de debate, como se dissessem: há tanto para se falar sobre o corpo que não é possível descartar todas as perspectivas.

Em relação aos significados de saúde, foi possível notar três grandes categorias de respostas, quais sejam:

1. Se cuidar;
2. Atitude em prol da vida;
3. Capacidade para agir.

A categoria “Se cuidar” povoou o discurso de 11 dos 14 voluntários (78,57%) do estudo. Os termos “estar bem” ou “bem estar” foram muito recorrentes, associando o “se cuidar” a um estado de contentamento, felicidade e satisfação consigo mesmo: “[...] saúde tem a ver com felicidade. Se você está bem. Se você se cuida bem [...]” (Mariana, entrevista, 23 maio 2016); “É estar bem consigo mesmo” (Alberto, entrevista, 27 abr. 2016). Tal perspectiva também ressoou em Rodrigo e Laís, para os quais, respectivamente, saúde é: “[...] estar bem com seu corpo e sua mente” (Rodrigo, entrevista, 2 maio 2016) e “[...] ter um bom estado físico e emocional [...]” (Laís, entrevista, 18 abr. 2016). Embora se perceba um discurso dualista em ambas as respostas, que separa corpo/físico e mente/emocional, foi possível compreender uma perspectiva de saúde para além da doença.

Já para Brenda e Roberta, o “se cuidar” ganhou horizontes mais amplos, respectivamente: “[...] a saúde. Eu acho que ela está ligada sim ao amor próprio. Ao cuidado com você mesmo” (Brenda, entrevista, 16 maio 2016); “[...] saúde é tudo. É super importante pra mim. É algo que faz parte do meu dia dia, do meu pensamento, de como estou hoje, se consigo respirar, se eu acordo bem [...] é parte do meu dia dia” (Roberta, entrevista, 11 maio 2016).

Na mesma perspectiva, surgiram discursos ligados à boa forma física e à alimentação. Para Edna, por exemplo, saúde “[...] é um trabalho constante [...] é alimentação, é mexer o corpo [...] Porque se você não mexe você não transforma e aí apodrece tudo [...]” (Edna, entrevista, 25 abr. 2016). Essa compreensão também foi a de Glória, que ainda acrescentou que isso tem a ver com um novo estilo de vida que ela procura levar, já que afirma ter negligenciado isso durante muito tempo. Mesmo assim, a voluntária afirma que ainda gostaria de “[...] fazer um pouco mais de exercícios e comer menos e um pouco melhor [...]” (Glória, entrevista, 4 abr. 2016). A alimentação também é uma preocupação de Márcia. Para ela, que possui histórico familiar de problemas cardíacos, o cuidado com o “se alimentar” tem sido recorrente, mesmo compreendendo que:

“[...] poderia ser melhor. Me cuidar melhor, inclusive na alimentação. Inclusive uma coisa que a dança mudou. Eu tenho me alimentado melhor porque já que você está dançando, já que você está gostando, você está fazendo regime e tomando remédio, por que não mudar alimentação? Por que se fizer isso não precisa mais tomar remédio. Estou mais ou menos nesse momento de um movimento para o bem para mim [...]”. (Márcia, entrevista, 18 maio 2016).

Nessa perspectiva, a saúde é um cuidado constante para se melhorar ou se manter algo, como para Melissa, que associa o fato de não beber, não fumar e não cometer abusos a ter saúde: “[...] digamos assim: eu me alimento bem e não como muita porcaria. Só doce que eu exagero um pouco - estou até um pouco barriguda pela quantidade de doce que ingeri esse ano -, mas eu sempre estou atenta com a saúde. Sempre procuro fazer as coisas direito” (Melissa, entrevista, 6 abr. 2016). Já para Margarida, a saúde se insere no horizonte de se evitar o aparecimento de situações não desejáveis:

“Eu já tenho uma hereditariedade não muito propícia. Todos os meus pais e avós tinham hipertensão, diabetes e colesterol elevado. Quando eu entrei na menopausa, algumas coisinhas foram surgindo e eu quero continuar cuidando para que isso não apareça [...]” (Margarida, entrevista, 6 abr. 2016).

No que se refere à categoria “Atitude em prol da vida”, Antônio, Elza e Rodolfo ressaltaram que a saúde é uma forma de saber lidar com as adversidades que surgem. Nesse sentido, Antônio afirma que há necessidade de “[...] ter uma atitude leve em relação às coisas. É ficar tranquilo em relação aos problemas, apesar de também ter um direcionamento para resolver se for preciso” (Antônio, entrevista, 13 abr. 2016). E arremata: “[...] ficar mais leve com relação às várias coisas da vida, essa atitude, por si só, já é uma atitude de saúde”. Já para Elza, é a harmonia que garante a sintonia da existência. “O que é saúde para mim? É estar em sintonia com meu corpo com a

*minha mente, com meu sentir, meus pensamentos*” (Elza, entrevista, 23 maio 2016). Na mesma esteira, Rodolfo se pronuncia em favor do respeito ao corpo: “[...] *estar conectado e respeitar o que o corpo precisa*” (Rodolfo, entrevista, 30 maio 2016). Para ele, se alguém está gripado, isso precisa ser considerado para o envolvimento em alguma atividade - a dança, por exemplo. Entretanto, isso não significa não ter saúde, mas um respeito ao seu limite naquela ocasião específica, o que geraria um comportamento saudável.

Por fim, na categoria “Capacidade para agir”, os voluntários foram incisivos no argumento de que saúde é ter possibilidade para explorar todas as vivências oportunizadas. Para Rodrigo, “[...] *é ter seu corpo inteiro para poder fazer o que você quer fazer*” (Rodrigo, entrevista, 2 maio 2016). Laís corrobora essa perspectiva ao afirmar que saúde, embora seja abrangente, “[...] *é você estar hábil a exercer suas atividades diárias de uma maneira agradável, regular [...]*” (Laís, entrevista, 18 abr. 2016). Márcia também se pronunciou nessa direção, pois podendo gozar de uma vida na qual prioriza o cuidado, conforme já ilustrado acima, compreende saúde também como um “[...] *ciclo. Se você não tiver saúde, você fica impossibilitada de fazer várias coisas*” (Márcia, entrevista, 18 maio 2016).

Frente ao exposto, notamos que os voluntários compreendem saúde em sentidos amplos: cuidado, atitude e condição. Na mesma direção de Deliberador e Villela (2010), ter saúde é quando o ser humano possui uma disposição que permite vitalidade no seu relacionamento com os acontecimentos da vida, o que significa que saúde é a forma de agir e reagir na vida, de adoecer e recuperar, de criar e recriar a vida, no exercício constante de se dispor a viver.

Nesse caso, as respostas dos voluntários nos remetem a pensar em sujeitos autônomos, de que a saúde está relacionada à capacidade que cada um tem em agir sobre o mundo. Tal perspectiva se assemelha à de Campos e Campos (2006), para quem o sujeito autônomo é o sujeito do conhecimento e da reflexão, indo ao encontro da capacidade de lidar com o sistema de poder, de operar com conflitos e de estabelecer compromissos e contratos

com outros sujeitos para criar bem-estar. Dessa forma, notamos que os voluntários compreendem ainda que saúde é conhecer e reconhecer maneiras de viver ou, então, entender as causalidades e dificuldades que a vida apresenta, podendo ser vistas como um estimulante que chama a responsabilidade, o respeito e a consciência para entender e enfrentar tal situação. Esse fato é corroborado em Alves e Carvalho (2010) quando afirmam que é preciso estar atento não somente às nossas ações, mas ao campo de relações que criamos, para que a construção de nossas vidas e da saúde aconteça a partir da vontade de criar nossos próprios caminhos e firmar os modos de ser através do exercício diário de se colocar à disposição do viver.

Interessante também notar nos discursos sobre os significados de saúde que eles estão relacionados ao amor próprio, respeito ao corpo, sentir-se bem e estar bem consigo mesmo, que são abordagens que fazem relação ao cuidado de si. Sobre esse aspecto, Deliberador e Villela (2010) afirmam que entender a saúde como cura seria interpretar o sujeito de forma a ser um cuidador de si mesmo, não no sentido de curar uma enfermidade, mas sim de ter respeito, atenção e afeto consigo mesmo, o que foi possível notar nos discursos dos voluntários. Notamos também que o próprio fato de as pessoas terem procurado essa prática corporal já se traduziu em certo cuidado para consigo mesmas.

Entretanto, também surgiram significados ligados ao bem-estar generalizado, ou, nos termos dos próprios voluntários, “saúde é tudo”. A compreensão de saúde nesse sentido está alinhada à Organização Mundial de Saúde (OMS), que a define como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas como ausência de doença ou de enfermidade.

Entretanto, segundo Bastistella (2007), a expressão “estado completo”, além de indicar uma concepção pouco dinâmica do processo, uma vez que as pessoas não permanecem constantemente em estado de bem-estar, revela uma idealização do conceito, o que o caracteriza como utópico e inalcançável. O autor afirma ainda que o estado de bem-estar mental e social poderá supor

uma existência sem angústias ou conflitos, sabidamente inerentes à própria história de cada ser humano e de cada sociedade, ideia essa que induz a um discurso de julgamento tornando objeto de intervenção e medicalização tudo aquilo que for considerado perigoso.

Outro significado de saúde notado se vinculou aos aspectos físicos e de alimentação das pessoas, que, segundo Fraga (2006), faz parte dos apelos da pós-modernidade. Em nossa compreensão, trata-se de uma perspectiva restrita de saúde que tem sido hegemônica, pautada nos argumentos que cercam o estilo de vida saudável/ativo, ditando os padrões de comportamento a serem perseguidos. Para Fraga (2006), a mídia tem um papel fundamental nesse processo - o de informar. Para Schwengber (2009), o modo das informações, o conjunto de técnicas, os procedimentos e os saberes oferecidos pela mídia acabam por regular a vida das pessoas. No que se refere à saúde, isso significa levar às pessoas a informação de que precisam tomar rumos mais saudáveis.

Desse modo, os constantes apelos midiáticos pregam o movimento a qualquer custo, seja para combater o sedentarismo, adquirir um corpo belo, ter qualidade de vida ou ter saúde. Com isso, a oferta mercadológica e o discurso de que a saúde está relacionada a ser ativo tomou uma grande proporção na cultura de movimento, em que as dimensões morais, éticas e estéticas acabam ditando os padrões a serem preconizados pelos interlocutores (ALVES; CARVALHO, 2010). Os autores também afirmam que essas ações e discursos se tornam agentes ativos de uma ideologia do ser saudável, passando por cima da diversidade dos corpos em função da reprodução de uma lógica excludente, que dita padrões de saúde.

Além disso, para Dalmolin *et al.* (2011), o processo de viver com ou sem saúde não se reduz a uma evidência orgânica, natural e objetiva e nem a um estado de equilíbrio, mas está intimamente relacionada às características de cada contexto sociocultural e aos significados que cada indivíduo atribui ao seu processo de viver. Os autores ainda sugerem ainda que é preciso superar a ideia objetiva e assistencialista do conceito de saúde, o que implica em

abranger a integralidade do cuidado em saúde pela apreensão do ser humano como um ser integral e complexo. Para Batistella (2007), isso requer um instrumental teórico de nova ordem, não mais referenciado à epistemologia positivista, analítica, mas sim a partir de uma perspectiva ampliada.

## Conclusão

Os significados de corpo foram compreendidos ora numa perspectiva fragmentada (instrumento) ora numa perspectiva holística (diálogo com o mundo). Quanto aos significados de saúde, estes gravitaram em torno da saúde como cuidado, como atitude e como capacidade para agir, embora, é claro, pairassem discursos comuns ligando a saúde à boa alimentação, atividade física e à ausência de enfermidades.

Entretanto, em que pese o limite das interpretações podemos inferir que as pessoas envolvidas no universo da dança têm buscado melhorar sua vida, ou, ao menos, um aspecto dela. Assim, é importante observar que, embora de maneiras diversas e com discursos diversos, as pessoas estão abertas e experimentam maneiras de viver bem, de se conhecer e aprender, para então serem felizes, satisfeitas e terem uma vida boa.

Vale ressaltar ainda que a disponibilidade para com as práticas corporais, no caso a dança, não é um fato isolado, já que todos os voluntários, em menor ou maior medida, estiveram envolvidos com outras práticas ao longo da vida. Tal fato nos faz chegar a dois pontos: 1 - os significados de corpo e saúde interpretados neste texto são fruto das diversas experiências que as pessoas trazem ao longo da vida, não só restrito à dança - sendo esse um limite do estudo. No entanto, o que nos permite relacionar esses significados com a prática da dança é o fato dela ser preponderante no dia a dia dos voluntários à época da pesquisa, portanto uma prática presente no cotidiano das pessoas e com estreito apreço; 2 - aderir às práticas corporais está muito ligado ao histórico que as pes-

soas têm nessas experiências, assim, não é pela informação que as pessoas espontaneamente se envolverão com elas. Há necessidade de ofertá-las em maior número e com a maior diversidade possível para que deixe de ser uma opção para poucos e passe a ser uma possibilidade concreta para muitos. No caso deste estudo, os poucos são representados por pessoas com relativo poder aquisitivo e disponibilidade de tempo, recursos e esclarecimento para o envolvimento com a dança. Mas e para os muitos? Só a informação basta?

Num país onde as quadras poliesportivas públicas, quando existem, dominam o cenário urbano, educando a população, conforme Faria (2001), para o apreço e a prática de quatro modalidades - voleibol, basquetebol, handebol e futebol -, faz-se urgente novos direcionamentos quanto às práticas corporais. Para tanto, bastaria que os preceitos do Sistema Único de Saúde - para o qual a atividade física é um dos condicionantes de saúde da população - e da Política Nacional de Promoção da Saúde, na qual a atividade física é privilegiada nas ações, possam ser efetivados em larga escala. Assim, quem sabe, poderíamos permitir que todos, independentemente do poder aquisitivo e disponibilidade de tempo, recursos e esclarecimento pudessem acessar compreensões mais amplas sobre corpo e saúde na perspectiva da produção do cuidado e do viver bem.

## Referências

ALVES, F.S.; CARVALHO, Y.M. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 229-244, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/13280/10853>. Acesso em: 5 jun. 2015.

BATISTELLA, C. Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde. *In*: FONSECA, A. F.; CORBO, A. M. D. (org.). **O território e o processo saúde-doença**. EPSJV/Fiocruz: Rio de Janeiro, 2007. p. 51 -86.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 5 set. 2017.

CAMPOS, R. T. O; CAMPOS, G. W. S. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. *In*: CAMPOS, G.W.S. *et al.* (org.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2006. p.669-714.

CASTILHO, E. G. Desafios da beleza corporal. Avaliação e crítica educacional. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 26, p. 29-43, 2014.

COMPARIN, K. A.; SCHNEIDER, J. F. O corpo: uma visão da antropologia e da fenomenologia. **Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 6, n. 1, p. 173-188, 2004.

DALMOLIN, B. B. *et al.* Significados do conceito de saúde na perspectiva de docentes da área da saúde. **Escola Anna Nery (Revista de Enfermagem)**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-394, 2011.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

DAOLIO, J. Os significados de corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 24-28, jun. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2184/902>. Acesso em: 5 jun. 2015.

DELIBERADOR, H. R.; VILLELA, F.S.L. Acerca do conceito de Saúde. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 225-237, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/6724/4862>. Acesso em: 5 jun. 2015.

FARIA, E.L. O esporte nas aulas de educação física. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 7, n. 41, p. 19-31, set./out. 2001.

FERNANDES, C. Criatividade, conexão e interação: uma introdução à obra de Irmagard Bartenieff. *In*: BOLSANELLO, D.P. (org.). **Em pleno corpo: educação somática, movimento e saúde**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 34-48.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, s/v, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10\\_06\\_CLAUDIA\\_FONSECA.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf). Acesso em: 5 jun. 2005.

FRAGA, A.B. Promoção da vida ativa: nova ordem físico-sanitária na educação dos corpos contemporâneos. *In*: BAGRICHEVSKY, M. *et al.* (org.) **A saúde em debate na educação física**. vol.2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 105-120.

GARAUDY, R. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C.; FRANCISCHI, V. G. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipo de gênero e movimento. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013.

KOFES, S. “E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala”. *In*: BRUHNS, H. T. (org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papyrus, 1985. p. 45-60.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000/7513>. Acesso em: 5 jun. 2015.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como Prática e Experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAGNANI, J. G. C. O (bom e velho) caderno de campo. **Sexta-feira**, São Paulo, n. 1, p. 8-11, 1997.

MARQUES, D. A. P. *et al.* Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 243-263, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26494/24405>. Acesso em: 5 jun. 2015.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MEDEIROS, P. A. *et al.* Participação masculina em modalidades de atividades físicas de um programa para idosos: um estudo longitudinal. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p. 3479-3488, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde. *In*: CAMPO, G. W. S. *et al.* (org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 189-218.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. *In*: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (org.) **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p. 15-32.

ROBLE, O.J; DAOLIO, J. Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física. **Pró-posições**, Campinas, v.17, n.1, p.217-226, jan./abr. 2006. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2354/49\\_artigo\\_roblejr\\_etal.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2354/49_artigo_roblejr_etal.pdf). Acesso em: 15 set. 2016.

SANT'ANNA, D.B. Uma história do corpo. *In*: SOARES, C.L. (org.). **Pesquisa sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007. p. 67-80.

SCHWENGBER, M.S.V. A educação da mãe carinhosa e o discurso das práticas corporais e esportiva nas páginas de *Pais & Filhos*. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.3, p.209-232, jul./set. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/4342/5587>. Acesso em: 20 nov. 2016.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.